

SÍNTESE SOCIAL

A IGREJA EM FACE DO MUNDO SUBDESENVOLVIDO

Abrimos espaço nesta seção a um estudo da mais alta importância: trata-se das "sugestões fraternas" levadas pelo Arcebispo de Olinda e Recife, Dom HELDER CÂMARA, à Décima Assembléia do Conselho Episcopal da América Latina (CELAM) reunida em Mar del Plata, Argentina, em outubro último, conforme notícia inserta noutro local deste número de SÍNTESE. É um documento de profunda significação pelo seu cunho de objetividade e franqueza. Convvida a um esforço de reflexão sôbre as linhas de ação da Igreja em face dos problemas dos países subdesenvolvidos em geral e da América Latina em particular. Nêle está implícito um chamamento a que não pode ser indiferente a consciência cristã do mundo, numa hora grave de exame e decisão.

I — OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

A) *Sem o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, não haverá desenvolvimento*

A ALIENAÇÃO humana pode realizar-se tanto pelo esquecimento e abandono do tempo em nome da eternidade, como pelo esquecimento e abandono da eternidade em nome do tempo.

São as duas faces da alienação.

Se MARX tivesse visto em volta de si uma Igreja encarnada, continuadora da encarnação do Cristo; se tivesse convivido com cristãos que amassem, com atos e de verdade, os homens como expressão, por excelência, do amor a Deus; se tivesse vivido em dias do Vaticano II que assumiu o que de melhor diz e ensina a teologia das realidades terrestres, não teria apresentado a religião como ópio

para o povo e a Igreja como alienada e alienante.

Acontece que real como o econômico é a sede transcendental do homem; sede de unidade, de verdade, de belo e de bem; sede de eterno e infinito; sede de absoluto. E não só: ocorre um fato histórico, de singular relevância, na hora em que o homem que, em 20 anos viveu 20 milênios, se julga a um palmo de tornar-se *deus*, é oportuníssimo lembrar: Deus se fez homem para tornar realidade a divinização do homem.

A Igreja deve preocupar-se pelo homem novo que está por nascer e pelo sentido da evolução social. É neste particular que a concepção cristã do homem pode ajudar a encontrar uma solução. O homem novo não pode ser um gigantesco produtor-consumidor, órgão de uma sociedade-máquina, embora consiga o domínio de toda natureza exterior. A meta a atingir é a de um ser *livre e consciente*, numa progressiva liberação de mil servidões, para que possa crescer sua liberdade fundamental: ser livre, até libertar-se de si mesmo e poder doar-se aos demais. Assim se aperfeiçoará a sociedade de homens livres e mutuamente respeitosos no dom desinteressado ao próximo.

Desenvolvimento é, pela graça de Deus, a realização do homem em toda a sua dimensão humana e em toda a sua dimensão divina.

Nenhum país, nenhum povo se desenvolverá sozinho, nos nossos dias. O mundo se interligou demais. Sem insistir no óbvio, no evidente, apenas assinalemos o fato

e desistamos da ilusão de pretender estudar à parte o desenvolvimento de um país ou de um Continente.

Sem dúvida, é preciso ter presente que a diretriz de desenvolvimento deve condicionar-se às necessidades e peculiaridades de cada povo (não há modelo único de desenvolvimento) em que nada substitui a iniciativa de cada país (não há força externa capaz de desenvolver um povo que não se decide e não se atira ao desenvolvimento). Mas não podemos perder de vista a conjuntura universal.

A presença da Igreja no desenvolvimento da América Latina só terá sentido e eficiência na medida em que fizer parte de um esforço total de presença no mundo.

B) *A revolução social, de que o mundo precisa, exige conversão contínua dos indivíduos e dos povos*

Quem não precisa de conversão e até de conversões? Quem não necessita de contínua conversão? A pergunta vale não apenas para os indivíduos, mas, também, para os povos, que todos, sem exceção, precisam de conversão contínua. Não há povos inocentes e povos pecadores. Há diferenças de concretização dos pecados, que todos — como no caso dos indivíduos — nascem do egoísmo.

A revolução social, de que o mundo precisa, não é golpe armado, não é guerrilha, não é guerra. *É mudança profunda e radical que supõe graça divina e um mo-*

vimento mundial de opinião pública que pode e deve ser ajudado e estimulado pela Igreja da América Latina e de todo o mundo. Ódio não constrói. E há todo um mundo nôvo a construir.

E é tanto mais urgente agir quando se vê que alguns dos melhores, mais idealistas e mais puros, especialmente entre os jovens, perdem a paciência e atiram-se a movimentos de radicalização e violência.

C) *A Igreja presente na América Latina.*

1. RESPONSABILIDADE DA IGREJA

Desde o momento de sua descoberta, a sociedade latino-americana cresceu e desenvolveu-se sob o influxo da Igreja. Sua estrutura social, econômica, política e cultural foi plasmada dentro dos moldes da cristandade ibérica. As lutas da independência não provocaram mudanças estruturais nesta situação. Pela primeira vez estamos vivendo os prelúdios de transformações substanciais. A Igreja está indissolúvelmente ligada a todo êsse passado histórico com seus valores, suas autênticas conquistas, seus momentos de apogeu: mas também com seus fracassos, seus contravalores e aberrações.

Êste fato confere hoje à Igreja uma responsabilidade indiscutível, em face dos novos desafios e lhe coloca exigências inadiáveis.

A Igreja não pode permitir que os autênticos valores de nossa civilização, que ela ajudou criar, se-

jam levados de roldão nas mudanças estruturais a serem rapidamente efetuadas.

Mas é chamada também a denunciar o pecado coletivo, as estruturas injustas e estagnadas, não apenas como alguém que julga de fora, mas como alguém que reconhece sua parcela de responsabilidade e culpa.

Deve ela ter a coragem de solidarizar-se com êste passado, e sentir-se assim mais responsável pelo presente e pelo futuro.

Qualquer, porém, que tenha sido o curso da História, encontra-se a Igreja, hoje, efetivamente presente na América Latina, em vias de desenvolvimento. Esta situação humana de uma sociedade em crise, exige dela uma tomada de consciência, e um esforço decidido de ajudar o Continente a realizar sua libertação do subdesenvolvimento..

O cumprimento desta missão exige da Igreja um esforço radical de purificação e conversão.

Suas relações para com as massas subdesenvolvidas, com os grupos mais diversos, com as organizações de todos os tipos são chamadas a ser cada vez mais relações de serviço. Sua força deve ser cada vez menos a força do prestígio e do poder para tornar-se cada vez mais a força do evangelho a serviço dos homens.

Por êste caminho poderá revelar, aos homens dêste Continente angustiados, a verdadeira face do Cristo.

Êsta exigência significa uma renovação total das estruturas paroquiais e diocesanas, das instituições católicas, do relacionamento bis-

pos-religiosos-leigos das ordens, — congregações e institutos religiosos. O anúncio da mensagem, a iniciação cristã, a celebração da liturgia, o diálogo ecumênico, devem tomar novas dimensões. Devem principalmente ser banhados por esta realidade humana, que é um Continente em plena batalha pelo desenvolvimento. Não se trata apenas de encarar a Igreja como a alguém de fora, que vai se colocar a serviço do desenvolvimento. Chegaríamos apenas a meias medidas. Não atingiremos o cerne do problema. É a Igreja toda, no seu mistério mais íntimo, que é chamada renovação.

Este esforço permitir-lhe-á, ao mesmo tempo, encontrar suas próprias formas de expressão, sua originalidade, seus carismas específicos no seio da Igreja Universal. Só com esta renovação global de todos os aspectos integrados de sua vida, colocando-os a serviço dos homens, poderá responder ao atual desafio da História.

2. LINHAS PRINCIPAIS DE PREOCUPAÇÃO

a) *Ajuda no esforço para converter o Continente*

Se a América Latina deseja a conversão de outros povos, particularmente do mundo desenvolvido, terá que começar pelo esforço sincero e decidido para sua própria conversão. Faltar-lhe-á força moral para falar aos outros, se não fôr a primeira a encarar, corajosamente, seus erros de povo, e se não partir para a tentativa de su-

perá-los. Os líderes religiosos, particularmente os cristãos, terão aqui papel importantíssimo, sobretudo se a reforma começar pela própria casa.

b) *Ajuda para que assumam o papel que lhe cabe no mundo*

Ninguém nasce por acaso. Não existe acaso, mas a providência divina. O mais humilde dos indivíduos ocupou, de toda eternidade, o pensamento do pai e tem a cumprir uma missão, grande ou pequena pouco importa. O importante é que ninguém fuja à trama de amor que está longe de tratar os homens como objetos, mas os assume como sujeitos e co-criadores.

Se estas considerações valem para os indivíduos, como não valerão para os povos?... Não foi por acaso que Cristóvão Colombo aportou à América. Não foi por acaso que os vários povos do Continente tivemos nossas vitórias e nossas derrotas, nossas esperanças e nossos desenganos. Que espera de nós, ó Pai? Que fazer para corresponder aos planos divinos? Que fazer para estar à altura da hora histórica que vivemos?

A reunião em Mar del Plata, de bispos que representam setores vitais como Ação Social, Educação e Apostolado dos Leigos — convocados pelo CELAM, sob os auspícios da CAL — para meditar sobre a presença da Igreja no desenvolvimento da América Latina, é uma graça de Deus à qual devemos fazer tudo para corresponder.

II — A SOMBRA DO PECADO SÔBRE O CONTINENTE

A) *Pecados do mundo subdesenvolvido*

1. COLONIANISMO INTERNO

Talvez seja pequena a margem de erro ao afirmar que o pecado coletivo, resumo de nossos pecados de povo, talvez seja o colonialismo interno.

A expressão pode prestar-se a equívocos e se não fôr bem apresentada pode suscitar melindres.

Há quem pense, ao ouvir falar em colonialismo interno, na posição de certas regiões desenvolvidas para com regiões subdesenvolvidas de um mesmo país (p. ex., a indústria brasileira do Centro-Sul beneficiou-se largamente das divisas decorrentes de matérias-primas, fornecidas pelo Nordeste e Norte, que continuaram subdesenvolvidos).

Colonialismo interno é expressão que pretende lembrar que o meio rural latino-americano, em grande parte, continua em plena Idade Média.

Temos que encontrar meios e modos de afirmá-lo sem ferir ou ferindo com amor, de modo salutar, como quem sarja e opera, para salvar e curar. Amigo não é o que esconde a verdade. Talvez não seja também que a proclama de qualquer modo, oportuna e inoportunamente, sem a luz do coração. Se uma das marcas de nosso século é o fim do colonialismo (ao menos do colonialismo político, ostensivo e oficial) como per-

mitir que continuem nacionais tratando conterrâneos como europeus, por vêzes, trataram africanos? Que haja exceções, é realidade que reconhecemos, com prazer. Longe de nós também, desconhecer a complexidade de dados, fatos, e circunstâncias que ajudam a entender a cegueira e aparente insensibilidade com que são admitidas as condições infra-humanas de habitação, vestimenta, alimentação, educação, trabalho dos trabalhadores rurais das áreas subdesenvolvidas. Temos tanto mais facilidade de entender, quando podemos acrescentar que:

— não raro, há Dioceses que não estão podendo dar tratamento menos desumano aos habitantes de seus patrimônios territoriais;

— esta circunstância cria, também não raro, uma inconsciente conivência entre o proprietário rural e a Diocese, levada a utilizar a fazenda ou sua capela para as desobrigas, novenas do padroeiro, crismas ou missas dominicais;

— se nos pedissem a indicação de uma solução imediata, de uma saída teríamos grande dificuldade de opinar.

2. DEFORMAÇÃO A QUE LEVA A DEFESA DE PRIVILÉGIOS

a) *Pavor da conscientização*

É fácil afirmar que a América Latina é o Continente católico e reserva de cristianismo para todo o mundo. As massas latino-americanas — conosco, sem nós ou contra nós — abrirão os olhos. Hoje, não há mais povos trancados, não

há muralhas. Os meios de comunicação riem de qualquer tentativa de isolamento. Ora, no dia em que os olhos se abrirem, aí do cristianismo, se as massas guardarem a impressão de terem sido abandonadas pela convivência com os grandes e poderosos.

Independente, no entanto, do risco de perder prestígio junto às massas (o problema não é de prestígio; a obrigação é de servir) cabe-nos como dever humano e cristão ajudar filhos de Deus a saírem da situação infra-humana em que se acham. A miséria degrada a pessoa humana e é injúria ao Criador e Pai.

Aqui entram raciocínios de prudência: é mais fácil e mais rápido abrir os olhos das massas, despertar-lhes a consciência para a situação em que se acham — *conscientizá-las* — do que promover a reforma das estruturas. Quem, apesar de saber disso, promove a conscientização — comentam observadores aflitos — faz o jôgo da subversão e, como joga uma classe contra outra, faz o jôgo do comunismo.

É impressionante ver a que extremos leva a defesa de privilégios. Jôgo do marxismo seria manter uma religião ópio para o povo e uma Igreja alienada e alienante. E como desconhecer o que há de forte e belo, de sentido democrático e de seiva cristã no esforço para conscientizar-se?...

Trata-se de pôr de pé a criatura humana; de despertar a iniciativa, o trabalho em grupo, a liderança, o hábito de nem tudo esperar do Govêrno. A miséria quando vem de pai a filho, de avô a neto deixa marcas difíceis de arrancar:

— Quem depende em tudo dos outros, quem é um paria, objeto de assistencialismo protecionista, mas não sujeito de direito e de justiça, quem está à mercê da boa ou má vontade de um senhor todo poderoso (para quem não há lei, nem autoridade, nem justiça, pois tudo e todos dependem de seu arbitrio), acaba tomando jeito de escravo... Como não cair no fatalismo? Como escapar do desânimo, de desesperança, do aviltamento hoje, e da revolta amanhã?... Não há de ser com a mera alfabetização, mesmo que completa com um simulacro de direito de voto.

Não queremos fugir a complexidade das conseqüências da conscientização. Virão sugestões concretas a respeito. Por enquanto, registre-se o pavor da conscientização das massas, defesa consciente ou inconsciente de privilégios.

É preciso acrescentar que a conscientização — se dispuser não apenas de verbas adequadas e de instrumentos modernos de comunicação, mas da indispensável liberdade para ser feita como convém — longe de ser agitação e subversão, importará na integração de todos, especialmente das massas, no processo do desenvolvimento nacional; longe de ser radicalização e levar ao comunismo, contribuirá para afastar as massas das idéias extremistas, pois lhes possibilitará a participação interessada e apaixonada na vida política, social, e econômica da Nação.

Por seu lado, as reformas bem entendidas e executadas, são um caminho pacífico para a conscientização e enfraquecerão as lutas de classes, pela quebra de distâncias

gritantes e pela participação de todos na vida do País.

Conscientização e reforma não são termos antagônicos, são medidas que se atraem e se completam.

b) *Princípios cristãos fora do contexto*

São numerosos os princípios cristãos invocados em defesa da ordem (como se merecesse mesmo o nome de *ordem* a desordem estratificada que aí está).

Em nome do princípio de propriedade, mantêm-se privilégios absurdos. É o caso de promover estudos na linha da conclusão da Semana Social de França, realizada em Brest, em junho de 1965, e citada por D. Manuel Larrain em sua Pastoral sobre desenvolvimento, que é legado precioso para seus irmãos no Episcopado:

“Revisão da noção de propriedade herdada de concepções liberais, especialmente da legislação francesa, sobre a propriedade comercial, que é uma das causas da esclerose das estruturas em contradição com as novas necessidades do desenvolvimento.”

Invoca-se a dignidade da pessoa humana, como se ela não existisse nos trabalhadores. Defende-se a liberdade ameaçada, como se não existisse uma liberdade esmagada há séculos.

Não é o caso de multiplicar princípios que de fato constam do ensino social da Igreja e que, vistos de modo unilateral, ficam irreconciliáveis e ferem a verdade e a justiça. Não é o caso de multiplicar exemplos, porque a intenção não é de polêmica. Interessa alertar para o que, de certo, é feito

sem má-fé. A distorção não é manobra, não é maquiavelismo: é saída instintiva, defesa inconsciente.

c) *O espantinho do comunismo*

O grande recurso é o espantinho do comunismo. Espantinho fácil de manobrar. Aí estão as condenações pontifícias contra o comunismo ateu. Aí está a realidade do comunismo se expandindo no mundo.

É facilímo agitar o anticomunismo contra todos os que, mesmo sem ligação nenhuma com o Partido ou com a ideologia comunista, ousam descobrir raízes materialistas também no capitalismo; ousam observar que, em rigor, não há mais socialismo, no singular, mas socialismos e capitalismo plural; ousam fazer ver que o comunismo não é o problema social mais grave do mundo de hoje, de vez que mais grave e explosivo é o distanciamento, que só faz se agravar, entre mundo desenvolvido e mundo subdesenvolvido; ousam ultrapassar o assistencialismo e bater-se pela promoção humana de criaturas, aos bilhões, que se acham em situação infra-humana; ousam afirmar que as relações entre países de abundância e países de fome estão mal colocadas, de vez que não se trata de ajudas a aumentar, mas de justiça a salvaguardar, e em escala mundial...

O anticomunismo é intolerante como o próprio comunismo. Não admite opções diferentes da própria. E não se peja de usar, contraditoriamente, a pretexto de defesa da pessoa humana, processos que ferem a dignidade humana, como incitamento à delação, prisão

por mera suspeição, torturas físicas ou morais. Não percebe que, êle sim, faz propaganda comunista quando identifica como comunista tôda atitude de coragem, de inteligência, de audácia em defesa da verdade e da justiça.

B) *Pecados do mundo desenvolvido*

1. FUGA INCONSCIENTE
OU CONSCIENTE DO
ESSENCIAL.

O que nos contraria, o que perturba demais nossos planos é duro de entender e de aceitar. Mas chega um instante em que se corre o risco de pecar contra a luz.

Quando o mundo desenvolvido irá entender que estão mal colocadas as relações que mantém com o mundo subdesenvolvido?

Sabe-se que o problema não é apenas pelo fato de o mundo desenvolvido, no conjunto, nem chegar a concorrer para o conjunto do mundo subdesenvolvido, com 1% sôbre o produto bruto nacional respectivo. Sabe-se que não se trata de fazer a percentagem subir a 2 ou a 5 ou a 10%. A questão não é de ajudas, mas de justiça em escala mundial.

Já é lugar-comum lembrar que a verdade se tornou evidente e gritante, em 1964, em Genebra, durante a Assembléia das Nações Unidas sôbre Comércio e Desenvolvimento, assembléia junto à qual a Santa Sé manteve representação de alto gabarito, sob a chefia do grande e saudoso padre LEBRETT. É que quando se compara o que é investido no mundo subde-

envolvido com o dinheiro repatriado, e, sobretudo, os donativos feitos, as ajudas prestadas pelo mundo desenvolvido com as perdas sofridas em consequência dos preços impostos às matérias-primas fornecidas pelo mundo subdesenvolvido, a sangria é de clamar aos céus.

Os técnicos, em nome de uma espécie de justiça que precisa de nome nôvo porque é dívida de mundos para mundos, concluem pela necessidade de uma reforma em profundidade do comércio, da indústria, da agricultura, do mercado de trabalho...

Ao invés de uma civilização regida pelo egoísmo — levando a divisões sempre mais profundas e graves entre povos e povos, preparando a mais terrível e tremenda guerra mundial — uma civilização harmônica e solidária.

O mundo desenvolvido examina qualquer proposta, faz qualquer sacrifício desde que não tenha de ir ao âmago do incômodo problema. É que, às vêzes, é mais fácil dar o próprio sangue do que largar o dinheiro, rever o conforto. A afirmação não é feita com travo e ironia, mas com quem registra uma fraqueza humana e não de determinadas pessoas ou países...

2. SUCEDÂNEOS FRACOS,
APLICADOS DE MODO
FRAGÍLIMO

a) *Birth-control* como sinônimo de desenvolvimento:

Países desenvolvidos vêm se apegando a êste alibi preciso: não adianta ajuda para o desenvolvimento sem prévia e decisiva regulamentação da natalidade: em massa, em escala nacional e até mun-

dial; conduzida tecnicamente e sem indagação de preço...

É necessário estudar profundamente o problema da paternidade responsável. Mas nenhum país estrangeiro tem o direito de impor como condição de ajuda a adoção da planificação da natalidade, em massa. Condicionar a ajuda nos setores da saúde e da educação à adoção da planificação maciça de natalidade é execrável, pois submete as populações pobres a uma pressão irresistível: a de matar a fome de pão e cultura em troca da redução da prole.

Sendo a interdependência entre os fatores demográficos e o desenvolvimento econômico um ponto de controvérsia entre os próprios especialistas, não se podem aprovar intentos, já em vias de realização, em nosso Continente, no sentido de desacelerar o crescimento demográfico, sem levar em conta as características éticas, culturais e a visão espiritual das populações em jogo. Tente-se, isto sim, antes de tudo, uma transformação profunda, rápida e global das estruturas sócio-econômicas a fim de preparar aos nascituros um lugar condigno na sociedade humana.

b) Prós e contras da presença de voluntários:

Quando um país desenvolvido quer dar mais do que dinheiro, quer dar gente — seus próprios filhos, sua juventude, seus técnicos — é difícil, é delicado tentar uma recusa amável. O menos que parece que é que se trata de ingratidão e grosseria. Parece ainda ambição por dinheiro e da parte de quem carece de capacidade técnica e, por vezes, de honestidade para aplicar as ajudas recebidas.

Recebamos os voluntários. Sem desconanças ofensivas de que se trate de infiltração perigosa, de ponta de lança. Quem tem contato com os que vem, sobretudo os jovens, sente que pode haver inexperiência, falta de adaptação — apesar de haver instituições que tentam, às vezes, com êxito, iniciar mais, muito mais do que apenas no domínio da língua — mas costuma sobrar generosidade, capacidade de sacrifício. E o retorno à Pátria chega a constituir problema, tal é a revolução íntima que produz, sobretudo nos jovens, o impacto da realidade infra-humana que descobrem.

Recebamos os voluntários, mas fazendo, amavelmente, sentir que mesmo assim o essencial ainda não é atingido.

c) Excedentes da produção alimentar :

Outra questão delicada, outro alibi vestido de generosidade e apresentando aspectos positivos.

Sem dúvida, pode e deve haver progresso na maneira inábil e por vezes humilhante de fazer propaganda do que é oferecido (compreendemos a necessidade de prestação de contas e de propaganda junto aos ofertantes). Sem dúvida, dos alimentos oferecidos têm que ser o excedente da produção (excedente em relação aos padrões internos que convêm ao comércio nacional dos ofertantes) e não devem importar em concorrência aos produtos locais de quem recebe.

O mundo subdesenvolvido não se pode dar ao luxo — dada a fome que aumenta perigosamente — de pretender cortar os alimentos recebidos. Recebamo-los. Mas ao fazê-lo, sejamos bastante ami-

gos, bastante irmãos para frisar. com extrema delicadeza, que os ofertantes não se sintam quites com a própria consciência, pois continua em xeque um problema de justiça.

Bom exemplo poderá partir das Igrejas da Europa e da América do Norte. Um aprimoramento nos objetivos e nos métodos da cooperação internacional, que vêm pres-tando, com imensa dedicação, po-derá ter repercussões positivas na problemática geral das relações entre Mundo desenvolvido e Mun- do subdesenvolvido. O ideal será descobrir a maneira mais adequa- da de contribuir para o desenvol- vimento, em estreita colaboração com os organismos nacionais. Os critérios de prioridade na aplicação de recursos, o planejamento, devem ser elaborados por grupos nacio- nais preocupados com a promoção humana e em maior contato com a realidade. Com isso se evita até mesmo a aparência de um colonia- lismo disfarçado ou de um pater- nalismo internacional, insuportá- veis dentro de uma perspectiva de justiça internacional. Esses orga- nismos nacionais de estudo e pla- nejamento teriam a função de tentar modelos de desenvolvimento tendo como centro de gravidade o *homem* e seu contexto antropo- lógico e cultural específicos. Só assim a ajuda internacional pode- rá realmente se integrar dentro das coordenadas exigidas pela jus- tiça internacional.

d) *Desajuda ideológica*

Quem mede o que acaba haven- do de negativo no anticomunismo estreito, unilateral e ininteligente

que se propaga nos países subde- senvolvidos, mede, também, fácil- mente, como, não raro, se trata de ideologia em cuja difusão têm in- teresse direto países do Mundo capitalista.

Ocorre o mesmo quanto à infil- tração das ideologias socialistas: países comunistas mantêm técnicos em comunicação de massas, técni- cos em propaganda e em agitação.

Sem fechar-nos ao exame de ideologias que chegam, timbremos em descobrir, para nossos proble- mas específicos, soluções e respos- tas que nenhum país desenvolvido pode descobrir por nós...

III — DE CRISTÃ DE NOME A CRIS- TÃ DE FATO

A) *Conversão do Continente*

1. PRINCÍPIOS DE AÇÃO A FIRMAR

Ensinamentos da *Gaudium et Spes* dignos de especial evocação en- tre muitos outros :

PROMOÇÃO HUMANA

"Também na vida econômico- social, a dignidade da pessoa hu- mana, com sua vocação integral, bem de toda a sociedade, deve ser honrada e promovida. O homem, com efeito, é o autor, centro e fim de toda a vida econômico-social."

Parte II, cap. III

DESIGUADADES GRITANTES

"Enquanto enorme multidão tem falta ainda de coisas absolutamen- te necessárias alguns, mesmo em regiões menos desenvolvidas, vi- vem na opulência ou desperdiçam

os bens. O luxo e a miséria caminham lado a lado. Enquanto poucos desfrutam ao máximo do poder de deliberação, muitos carecem de quase toda possibilidade de iniciativa pessoal e de responsabilidade de ação, encontrando-se, muitas vezes, mesmo em condições indignas da pessoa humana.”

Parte III, cap. III

NECESSIDADE DE CONVERSÃO

“Com consciência cada vez mais viva, nossos contemporâneos percebem estas disparidades. Estão inteiramente persuadidos de que as ampliadas capacidades técnicas e econômicas das quais dispõe o mundo atual, poderiam e deveriam corrigir este funesto estado de coisas. Por conseguinte, exigem-se de todos muitas reformas na vida econômico-social e uma conversão de mentalidade e de modo de ser. Para isto a Igreja no decurso dos tempos, sob a luz do Evangelho, exarou, e sobretudo nestes últimos tempos, divulgou os princípios de justiça e de equidade, postulados pela reta razão, tanto para a vida individual e social, quanto para a vida internacional. O Sagrado Concílio pretende corroborar estes princípios, de acordo com as circunstâncias, e preferir algumas orientações que dizem respeito, antes de tudo, às exigências do desenvolvimento econômico.”

Parte III, cap. III

GRAVE PECADO PARA COM O BEM COMUM

“Sobretudo nas regiões economicamente menos desenvolvidas,

onde todas as riquezas devem ser urgentemente usadas, colocam o bem comum em grave perigo aqueles que deixam os próprios recursos sem dar frutos ou — respeitando o direito pessoal de migração — privam a própria comunidade dos auxílios materiais ou espirituais dos quais ela necessita.”

Parte III, cap. III

2. SUGESTÕES CONCRETAS A EXAMINAR AÇÃO CONJUNTA NO ESFORÇO DE SUPERAÇÃO DO COLONIALISMO INTERNO

Que o CELAM estimule os Órgãos Nacionais de Ação Social das diversas Conferências Episcopais do Continente :

- a elaborar uma sólida reflexão teológica, partindo de uma fundamentação conciliar e pontificia, que torne evidente a inadmissibilidade da superação do colonialismo interno;
- a descobrir a maneira a um tempo mais eficaz e mais caridosa, mais forte e mais construtiva de orientar os que se vendo na condição de colonizadores, em seu próprio país, talvez desejem integrar-se na inadiável e pacífica revolução social, mas sem saber como agir ou sem ânimo para a decisão final;
- a convencer os bispos do Continente que deixam a um pequeno grupo do povo de Deus o encargo de denunciar abuso tão grave (cuja não denúncia os beneficiários de

hoje e vítimas de amanhã não nos perdoarão) é expô-lo à injustiça de ser acusado de subversivo e comunista.

AÇÃO CONJUNTA EM PROL DA INADIÁVEL CONSCIENTIZAÇÃO DAS MASSAS LATINO-AMERICANAS

Que o CELAM estimule as diversas Conferências Episcopais do Continente a examinar :

- *a maneira mais urgente, eficiente e construtiva de, por uma parte, não pecar por omissão e portanto promover, através de todo o povo de Deus, a conscientização das massas latino-americanas; e, por outra parte, evitar a luta armada ou o ódio que conduz ao sangue;*
- *a possibilidade e conveniência de organização imediata, através de todo o povo de Deus, de uma ação não violenta, de escala continental, em prol da promoção humana das massas que se acham em situação infra-humana na América Latina;*
- *a possibilidade e a conveniência de, através de todo o povo de Deus, ajudar as massas infra-humanas a tornar-se povos e ajudar o povo a preparar-se para o desenvolvimento.*

REVISÃO DE PRINCÍPIOS SOCIAIS CRISTÃOS, VÍTIMAS DE DEFORMAÇÃO

Que o CELAM estimule as Conferências Episcopais do Continente a rever, com urgência, princípios sociais cristãos, expostos a dis-

torções, como o princípio de propriedade. Haja rapidez e segurança no estudo e tentativa de ação conjunta na difusão das observações feitas e das diretrizes elaboradas.

POSIÇÃO CORAJOSA E CLARA DIANTE DE ANTICOMUNISMOS ESTREITOS E UNILATERAIS

Que o CELAM estimule as Conferências Episcopais do Continente a evitar, de modo especial :

- *o uso e abuso do espantinho anticomunista. O povo de Deus será alertado para os erros do comunismo ateu (e a liberação, pela Santa Sé, da expressão socialismo, não a identificando necessariamente com a negação de Deus, será medida de grande alcance), tanto quanto para as raízes materialistas do capitalismo. Mas o povo de Deus será, também, alertado para não permitir que, em nome da condenação do comunismo, se combatam a promoção humana e a defesa de direitos imprescindíveis à dignidade dos filhos de Deus.*

PROBLEMA N.º 1 DO CONTINENTE

Que o CELAM estimule as Conferências Episcopais do Continente a rever o chamado problema n.º 1 do Continente: ao contrário do que temos pensado e afirmado, não é o da vocação sacerdotal, mas o do subdesenvolvimento. Evitemos a injúria para com Deus de

julgar que Ele não chame ao sacerdócio os filhos da América Latina. Evitemos a injúria para com a América Latina de julgar que seus filhos chamados ao sacerdócio pecam sistemática e coletivamente contra a luz. Não tomemos como causa o que é consequência e partamos, corajosamente, para a revisão de toda a problemática da questão vocacional.

Quem vegeta em situação infra-humana, a não ser que se realize milagre, não está em condições de querer ser padre, dado que *compreender* e *querer* só se tornam propriamente realidade quando o nível humano é atingido. Em nível sub-humano, querer é luxo. Em rigor, não se quer ainda; nem ser padre, nem ser nada.

PREOCUPAÇÃO FUNDANEMTAL COM A JUVENTUDE

No mundo inteiro, verifica-se a ascensão da juventude. Na América Latina, o fenômeno se reveste de características ainda mais graves, dado que mais da metade da população tem menos de 20 anos de idade.

Dado, ainda, a terrível evasão escolar observada em muitas áreas do Continente (no NE, brasileiro, dos alunos que entram na escola primária, apenas um chega à universidade), pode-se dizer que os jovens e particularmente os universitários têm não só o direito, mas o dever de interessar-se pelos problemas nacionais e internacionais.

Que o CELAM estimule as Conferências Episcopais do Continente a promover junto aos bispos, aos padres e, especialmente, aos pais

e professôres — um esforço de compreensão para com a juventude dos nossos dias, a ser completado por um esforço de formação.

3. DESTAQUE ESPECIAL À QUESTÃO AGRÁRIA

DIAGNÓSTICO

Por mais que se queira reconhecer algum esforço de certos países, o problema agrário continua grave e cada vez mais complexo. As legislações de reformas agrárias promulgadas de uns 10 anos para cá (praticamente todas as nações latino-americanas dispõem hoje de leis de reforma agrária), lamentavelmente, não estão dando uma resposta aos problemas dos trabalhadores do campo, sobretudo à grande massa dos que vivem de salários e dos pequenos proprietários.

Persistem por toda parte as manifestações de descontentamento e inquietação. A produção agropecuária não acompanha o crescimento da população. A produtividade não tem melhorado e são modestíssimos os progressos tecnológicos no setor agrícola. As técnicas de planejamento e administração das atividades rurais ainda são incipientes. Os recursos financeiros são insuficientes. Não há formação de profissionais especializados em uma escala que corresponda às mínimas necessidades do setor. As instituições governamentais destinadas a assistir os agricultores estão desatualizadas na sua grande maioria. E o problema mais sério nesse contexto é a situação cada vez mais dramática da

estrutura da propriedade, caracterizada principalmente:

— na manutenção do monopólio da terra com a expansão e rigidez do latifúndio ocioso e improdutivo;

— no crescimento espantoso do minifundismo antieconomico;

— na continuação das formas feudais de relações de trabalho, sobretudo nas zonas de monocultura (cana-de-açúcar, café, cacau, banana, criação extensiva de gado).

Consequência de tudo isso:

— aumento de importação de alimentos;

— desnutrição do grosso da população;

— condições de vida infra-humanas da massa camponesa, sem oportunidade de educação, de melhor saúde e moradia, sem poder de compra.

A rigor, o problema agrário latino-americano, pelas suas profundas implicações econômicas no continente (somos ainda países que vivemos de produtos primários ocupando a maior parte da população na atividade rural) deve ser concebido como um problema que atinge, envolve e ameaça toda a sociedade.

Já não é uma questão só acadêmica e de técnicos. É uma questão que interessa a todos porque está suficiente provado pelos mais recentes estudos de organizações idôneas internacionais que o atraso da agricultura compromete, irremediavelmente, o desenvolvimento.

SUGESTÕES

Que o CELAM conheça e discuta os mais recentes estudos sobre a

situação agrária da América Latina e discuta com urgência, em uma comissão especial, suas recomendações;

Que apoie, através de uma campanha bem fundamentada e com dados, a promoção de autênticas reformas agrárias que sejam maciças e não simples "projetos pilotos" ou modestos trabalhos de colonização;

Que toda atitude do CELAM de apoio aos planos e investimentos para o desenvolvimento geral dos países não marginalize a questão agrária;

Que se dê especial atenção e apoio aos movimentos (dentro da ordem democrática) de organização do campesinato sem terra e pequenos proprietários.

É preciso estar alerta como nunca para os movimentos de contra-reformas em vários países ou para as falsas reformas agrárias que não promovem a redistribuição da propriedade nem a riqueza nacional.

B) *Presença cristã no terceiro mundo*

1. PRINCÍPIOS DE AÇÃO A FIRMAR

Também aqui partamos, entre outros, de alguns dos avisos dados pela *Gaudium et Spes*:

DISTÂNCIA QUE SÓ FAZ AUMENTAR

"As nações em via de desenvolvimento como aquelas que se tornaram recentemente independentes aspiram participar dos bens da civilização, não só no plano político,

mas também econômico, e desempenhar livremente seu papel no cenário do mundo. Contudo, cada dia aumenta mais a sua distância; e, muitas vezes, ao mesmo tempo, a sua dependência também econômica de outras nações mais ricas e em progresso mais rápido."

Introdução: As aspirações mais universais do gênero humano.

OPOSIÇÃO QUE SE AGRAVA

"Entre as nações economicamente mais desenvolvidas e as outras nações, torna-se cada dia mais grave a oposição, que pode colocar em perigo a própria paz do mundo."

Parte II, cap. III

DESENVOLVIMENTO SOB A DECISÃO DO HOMEM

"O progresso econômico deve permanecer sob a deliberação do homem. Não pode ser abandonado apenas ao arbítrio de poucas pessoas, ou de grupos economicamente muito poderosos, nem só da comunidade política, nem de algumas nações mais ricas."

Parte II, cap. III

AS CAUSAS DAS DISCÓRDIAS E SEUS REMÉDIOS

"Para construir a paz é antes de tudo imprescindível extirpar as causas de desentendimentos entre os homens. Estas alimentam a guerra, sobretudo as injustiças. Não poucas destas provêm das excessivas desigualdades econômicas, bem como do atraso de lhes trazer os remédios necessários."

2. SUGESTÕES CONCRETAS A EXAMINAR

Apoio moral ao Mercado Comum Latino-Americano

Quem estuda a ação de Simón Bolívar descobre que jamais lhe escapou que, sem independência econômica, a independência política ficaria nominal apenas. Passado mais de um século, os países latino-americanos, todos politicamente independentes, lutam ainda, desesperadamente, pela independência econômica.

Impõe-se um discreto e delicado apoio ao Mercado Latino-Americano. A aliança entre o excessivamente forte e o excessivamente fraco é impossível.

O Mercado Comum Europeu exige a superação diária de medidas regionais e susceptibilidades nacionais em vista de um maior bem comum. Sem o apoio moral da hierarquia latino-americana e a colaboração decidida de todo o povo de Deus nossos países não superarão a natural vaidade de povos jovens e não admitirão a complementariedade, imprescindível à realização do Mercado Comum Latino-Americano, ponto de partida para um diálogo efetivo entre a América Latina e a Europa, entre a América Latina e a América do Norte.

É preciso, entretanto, que este mercado não sirva para o surgimento de novos imperialismos pela expansão das áreas mais ricas do Continente, com distância ainda maior entre as áreas prósperas e as deprimidas da América Latina. É preciso, também, que não nos esqueçamos de que a tese da inte-

gração econômica do Continente pode ser instrumento de uma perspectiva neocapitalista para o crescimento racionalizado e contido do hemisfério. Isto enquanto, por exemplo, os novos investimentos, e as economias de escala que possibilitem, extremem a divisão do trabalho industrial, e a complementação dos parques industriais dentro, por exemplo, de grandes agregados de produção, com grande intensidade de aplicação de capitais e apropriação da mais moderna tecnologia. Nesses termos, a integração continental dentro do espírito de maximização de lucros e obtenção de resultados imediatos pode proscrever definitivamente as combinatórias de capital e trabalho, efetivamente requeridas para a promoção social e a absorção das reservas de desemprego disfarçado, que constitui o maior obstáculo à promoção continental. Numa palavra, tal seja a integração, pode perturbar as linhas naturais de crescimento dos mercados nacionais. O resultado poderá ser o inverso da dinamização das unidades produtivas nacionais. É preciso estar alerta para processos malthusianos impostos às nossas economias.

INTEGRAÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ, INSPIRAÇÃO E MODÉLO PARA A INTEGRAÇÃO ECONÔMICA DO CONTINENTE

O CELAM, com mais de 10 anos de vida e com atuação sempre mais eficiente, pode e deve servir de inspiração e modélo para a integração do Continente. O programa da próxima reunião do CICOP — prolongamento do pro-

grama da reunião de Mar del Plata — alerta-nos para “a falta de integração tanto no homem como na sociedade latino-americana” e para “os fatos que revelam esta falta, como para os fatores que contribuíram para ela”.

Observa que “uma perspectiva histórica na apresentação desta falta deve conduzir ao aspecto estrutural e atual da mesma”. Denuncia “as diferentes formas de marginalidade”, não apenas no campo econômico e internacional, “mas também no interior de cada uma das sociedades latino-americanas”.

As duas reuniões se devem observar fraternalmente, pois se apóiam mutuamente e se completam.

Apoio ao entendimento efetivo entre todo o Terceiro Mundo.

Não se trata, de modo algum, de querer isolar os países subdesenvolvidos e de espicaçar-lhes o ódio contra os países de abundância. Trata-se da obrigação de não ser egoísta: o Continente africano, que tem o que nos oferecer, ganhará com nossa experiência política e o nosso apoio; a Ásia só terá seus problemas equacionados e resolvidos com a colaboração do mundo inteiro.

O Mercado Comum Latino-Americano não se fecha em si mesmo, não nasce para combater ninguém e ainda menos irmãos diretos, os países subdesenvolvidos.

As Conferências Episcopais Latino-Americanas, sob os auspícios do CELAM, poderão e deverão tentar contato com Conferências Episcopais Africanas e Asiáticas, comêço do comêço

de entendimento espiritual que sirva de cobertura ao apoio mútuo entre os três Continentes.

mércio mundial não forem profundamente modificados."

Parte II, cap. V

C) *Fermento cristão no mundo desenvolvido*

1. PRINCÍPIOS DE AÇÃO A FIRMAR

A sorte do mundo subdesenvolvido supõe, sem dúvida, que, em cada país subdesenvolvido, o esforço máximo seja de seu respectivo povo. Mas há decisões de plano internacional que se traçam no mundo desenvolvido.

Indo ao âmago do problema diz a *Gaudium et Spes*:

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NO CAMPO ECONÔMICO

"A solidariedade atual do gênero humano reclama também o estabelecimento de maior cooperação internacional no campo econômico. Com efeito, embora quase todos os povos se tenham tornado autônomos, ainda falta muito para que sejam livres das desigualdades excessivas e de toda a forma de dependência indevida e escapem a todo o perigo de graves dificuldades internas."

Parte II, cap. V

INDISPENSÁVEL UMA PROFUNDA MODIFICAÇÃO NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

"Quanto ao auxílio material para as nações em vias de desenvolvimento, não se poderá prestá-lo, se os costumes do atual co-

COMUNIDADE INTERNACIONAL QUE REGULE O COMÉRCIO MUNDIAL

"Cabe à Comunidade Internacional organizar e estimular o desenvolvimento, mas de tal maneira que os fundos a isso destinados sejam aplicados de modo mais eficiente e com plena equidade. Pertence ainda a esta comunidade, sem prejuízo naturalmente do princípio de subsidiariedade, organizar as relações econômicas mundiais, a fim de que se desenvolvam conforme as normas da justiça."

Sejam criados institutos idôneos para promover e regulamentar os negócios internacionais, sobretudo com as nações menos desenvolvidas, e para compensar as falhas que promanam da desigualdade excessiva entre as nações. Tal organização, juntamente com assistência técnica, cultural e financeira, deve oferecer os subsídios necessários às nações em busca de progresso, a fim de que possam alcançar o harmonioso incremento de sua economia."

Parte II, cap. V

2. SUGESTÕES CONCRETAS A EXAMINAR

Paz sem desenvolvimento econômico e social é apenas armistício que pode ser frustrado ou pela justa revolta das populações famintas ou pela infiltração de ideologias alienígenas e negativas.

Todos aceitam que paz sem justiça é utopia. Parece demonstrável que as relações entre mundo desenvolvido e mundo subdesenvolvido envolvem um problema de justiça em escala mundial. Impõe-se um esforço supremo para que o movimento de opinião pública — a ser conduzido tanto nos países de abundância como nos países subdesenvolvidos e atingindo forças como as universidades, a imprensa escrita e falada, líderes religiosos e intelectuais, chefes de empresas e líderes trabalhadores, líderes políticos— seja deflagrado sem perda de tempo e com força moral para empolgar o mundo.

Que o CELAM suplique ao Santo Padre, Peregrino da Paz, que haja por bem convocar uma assembléia extraordinária do sínodo diocesano, de que participem representantes de hierarquias tanto do mundo desenvolvido como do mundo subdesenvolvido, com o objetivo específico de estudar a possibilidade e conveniência de o

povo de Deus deflagar o movimento de opinião pública que leve a fazer entender que as relações entre mundo desenvolvido e mundo subdesenvolvido necessitam de inadiável reequacionamento.

Que o CELAM, caso à Santa Sé pareça conveniente, sugira à ONU uma conferência sobre a *Ética do Desenvolvimento*.

IV — CONCLUSÃO

Tudo quanto aqui se diz e sugere, de modo algum pretende esquecer os temas previstos para a Reunião de Mar del Plata, temas indispensáveis a uma adequada presença da Igreja no desenvolvimento da América Latina.

Tudo quanto aqui se diz e sugere não pretende cometer a injúria de esquecer o labor magnífico de órgãos como o CELAM e a CAL em favor da América Latina. Pretende apenas focalizar, de modo mais intenso e direto, aspectos da realidade mundial que exigem exame e decisão.